

Das Amazônias

REVISTA DISCENTE DE HISTÓRIA DA UFAC

ISSN Eletrônico: 2674-5968



Arte: Mabku Bane | "Yube Inu Yube Sbanu – mito de surgimento da ayahuasca", 2021.

HISTORIADOR: ARTESÃO DA DÚVIDA, DO TEMPO E DA ESCUTA

João Paulo Pacheco Rodrigues¹
Paulo Roberto de Almeida²

Publicar mais uma edição da Revista Das Amazônias é um gesto que ultrapassa a rotina acadêmica da divulgação científica. É um ato de afirmação do compromisso com o pensamento crítico, com a escuta sensível das vozes do passado e com a luta pela valorização da História como campo de produção de sentidos, memórias e disputas. Em tempos de incerteza epistêmica e ataques à ciência e à cultura, cada edição lançada representa também um ato de resistência e de reinvenção.

Esta edição de temática livre reúne trabalhos que expressam a riqueza e a diversidade das abordagens históricas. São artigos que percorrem temas como o funcionamento do judiciário no Brasil, os usos públicos da memória, as práticas e desafios do ensino de História, além de discussões ancoradas nas múltiplas realidades amazônicas. Ao transitar entre essas temáticas, os textos reunidos contribuem para refletir sobre a amplitude e a vitalidade do ofício do historiador.

Mas, afinal, o que significa ser historiador? Qual o papel desse sujeito que lida com o tempo, com as ausências, com os silêncios e com as narrativas? A historiografia do século XX nos legou reflexões fundamentais sobre essa prática intelectual. Marc Bloch, em *Apologia da História*, nos lembra que o historiador deve se perguntar sempre, com humildade e curiosidade, “como sabemos o que sabemos?”. Para ele, mais do que colecionador de datas ou cronista de feitos heroicos, o historiador é um intérprete que dialoga criticamente com os vestígios do passado.

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor da área de História da Universidade Federal do Acre (Ufac). Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (PPGPEH/Ufac). É Editor-Chefe da Revista Acadêmica Das Amazônias. Desenvolve pesquisas na área de História, com ênfase em Patrimônio Cultural e História Regional. E-mail: joao.pacheco@ufac.br

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense -UFF. Membro pesquisador dos Núcleos de Pesquisa Cultura Negra no Atlântico-CULTNA (UFF), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena - NEABI (UFAC) e Grupo Experimental em Semiótica Computacional - Semiocom (USP). Desenvolve pesquisa acerca da Questão Racial no Brasil. E-mail: roberto.paulo@ufac.br

Michel de Certeau, por sua vez, nos convida a pensar a escrita da história como uma operação que envolve escolhas, exclusões e disputas, alertando-nos para o fato de que não há neutralidade possível nesse campo. Carlo Ginzburg aprofunda essa dimensão ao propor o paradigma indiciário, sugerindo que o historiador, como um detetive, reconstrói significados a partir de fragmentos, sinais, lacunas. Jacques Le Goff, ao defender que “toda história é história do presente”, reforça o caráter político do nosso ofício. E Arlette Farge nos recorda que o trabalho com os arquivos é também uma experiência sensível, em que o historiador precisa estar atento às margens, às falas interrompidas, aos sujeitos anônimos.

O historiador é, portanto, um artesão da dúvida. Seu trabalho não é o de construir verdades absolutas, mas o de formular perguntas que abram caminhos interpretativos, que confrontem certezas estabelecidas e que deem visibilidade ao que foi silenciado. O historiador é também um escutador. Trabalha com fontes que falam, que sussurram, que resistem à interpretação. Fontes escritas, orais, imagéticas, sonoras, materiais. Fontes oficiais e não oficiais. Fontes que revelam e que escondem. Cada fonte é um desafio metodológico e uma oportunidade de compreender o passado em sua complexidade.

Nesta edição, os artigos publicados mobilizam essa multiplicidade de fontes para analisar temas diversos, que vão desde o universo da justiça e da legislação no Brasil até investigações sobre memórias sociais e familiares, passando por práticas educativas que reinventam o ensino da História em sala de aula. A Amazônia, sempre presente em nossas páginas, aparece como campo fértil de experiências históricas que desafiam os centros e colocam em xeque as narrativas hegemônicas. São pesquisas que revelam a densidade histórica da região e reafirmam a necessidade de se pensar a História desde as margens, desde os interiores, desde os territórios amazônicos.

Ao reunir essas vozes, a Revista Das Amazônia renova seu compromisso com uma História crítica, plural, descentralizada e comprometida com a transformação social. Agradecemos a todas as autoras e autores que confiaram seus trabalhos a esta edição, aos pareceristas que contribuíram com sua leitura generosa e criteriosa e à nossa equipe editorial, que segue empenhada em manter a qualidade e a relevância desta publicação.

Que esta leitura inspire novas perguntas, novas escutas, novos caminhos.